



## **Transtornos alimentários: Do negócio à doença.**

Maio de 2010

### **Mesa Nacional de BRIGA**

Recentemente liamos num jornal de edição galega umha notícia que recolhia os dados que se estavam a mover numha conferência celebrada na Faculdade de Medicina da USC os quais afirmavam que os transtornos alimentícios som a terceira causa de morte na adolescência.

O 5% da população galega, na imensa maioria jovens de entre 12 e 20 anos, padece algúm tipo de desordem alimentício. Mas a profundidade do problema chega ser de tal calado que já o 40% das crianças de entre 9 e 10 anos está tratando de perder peso, umha grande parte por recomendação familiar.

Cumpre começar dizendo que concordamos com a argumentação dos estudos clínicos que sostenhem que este tipo de psicopatologias alimentárias nom temem um único factor como causa da aparição, tratando-se mais bem da conjugação de diversos condicionamentos de tipo individual, familiar e sócio-cultural. Mas o feminismo de classe deve e tem a responsabilidade de matizá-lo.

A jovem revolucionária deve ser consciente, em primeiro lugar, que para compreender esse 40% de crianças de 9 a 10 anos a dieta (assegurando ter de batalhar com este problema nos próximos anos), há que por acima da mesa a fulcral responsabilidade de umha das primeiras materializações do poder adulto no seio familiar: A projecção dos desejos dos pais e das maes sobre as suas filhas e filhos, transformando-as numha espécie de inversom de futuro que como vemos pode pôr em perigo as suas próprias vidas. Neste processo maes e pais aceitam acriticamente o canom de beleza imposto polo sistema patriarco-burguês, e aplicam-no aos/às filh@s. Um canom machista e febril que está a ser a principal causa de que nas últimas décadas se esteja disparando umha doença que as mulheres padecemos em muita maior percentagem que os homens.

Maliá a que ao longo da história existírom muitos e mui variados canons de beleza, estes jamais conseguírom converter-se num problema público de tal magnitude como acontece na actualidade. A meados do século XX a medicina ocidental catalogou a obesidade de insalubre (algo que efectivamente podia e pode ser analisado de jeito científico), mas a "erudição" que pretendia envolver a nova tese da ideologia dominante era à vez o desencadeante do horror da "cultura da delgadeza" e o seu estereotipo estético. Um estereotipo que nascia com umha letal sombra: A indústria das dietas, dos produtos de adelgaçamento e o desassossego polos "quilos de mais". Todas elas funcionando sob a finalidade de facturar ao ano milhons e milhons de euros graças a umhas estratégias de mercado encarregadas de transformar a beleza em algo objectivo, obrigado e fundamental para triunfar e alcançar a felicidade em qualquer faceta da nossa cotidianeidade: O trabalho, a vida sexual, as relações afectivas, a aceitação social, inclusive a saúde.



Assim aquela combinação de factores longe de ser equitativa está adulterada e desequilibrada de jeito desproporcionado pelo peso do factor sócio-cultural machista e a irracionalidade mercantilizadora do Capital. Onde a alimentação assume um significado específico, adelgaçar transforma-se numa solução mágica para todo,

em base a uma argumentação destrutiva que é parabenizada pelo sistema, sob o objectivo mortal de melhorar a sua qualidade de vida mas que como vemos conduz ao efeito contrário: Um índice de mortalidade que deveria disparar todos os alarmes.

Em quanto ao factor individual, grande parte dilui-se com a sociedade na que estamos inseridas. Que as mulheres sejamos as que padecemos em maior número este tipo de desordens não é casualidade posto que muitos dos rasgos de carácter que predisponhem a ter estas doenças formam parte da deformação educacional patriarcal à que somos submetidas desde crianças. Pautas de pensamento como: Perceber pouco control sobre as nossas próprias vidas, ser excessivamente autoexigentes e esageradamente autocríticas, sofrer de insegurança, ter baixa autoestima, preocupar-se demasiado pelas opiniões do resto ou não aceitar-se como pessoa.

A pressão social, a coacção publicitária do photoshop e do marketing do adelgaçamento, e sobre todo o sistema de valores promovido pela ideologia patriarcal compagina-se à vez com outra trampa do Capital, o negócio da "comida rápida" e todos os seus produtos lixo de alto nível calórico e pouco valor nutritivo dirigidos exclusivamente às crianças e à juventude. Uma irracionalidade que bem pode materializa-se em bulímia assediadas pelas duas pressões, ou reagindo cara uma delas com a anorexia ou a obsessão com o mundo de problemas psicológicos "imperceptíveis" que latejam a diário nas nossas cabeças.

Está-se repetindo até a saciedade, coma se de um mantra se tratar, que o nosso valor está em função da qualidade do objecto decorativo e sexual ao que nos reduzem, que estamos indefesas frente a violência machista, que o consumismo nos fará livres e que a frustração pelas infinitas trabas que supõem para todas viver num mundo ideado por e para os homens na maioria dos casos tratará-se de um simples transtorno pré-menstrual ou uma "normal" depressão que bem pode ser arranjada com as drogas com as que traficam e nos adormecem desde o sistema médico ocidental.

Ao mesmo tempo, o poder adulto faz-nos responsáveis destes comportamentos justificando assim que estejamos desprotegidas por completo. Por outra banda, viver em estados patriarcais favorece umas limitações contra as quais as jovens temos que reagir sob a exigência de que:

As políticas sanitárias têm que pôr a funcionar protocolos que sejam palpáveis para todas nós, eficazes e integrais destinados a detenção e prevenção nos centros de ensino, saúde, laborais e publicitários.

É obrigado catalogar de delito contra a saúde pública o papel dos gabinetes publicitários, empresas de comunicação, a indústria da moda e da "estética", superando a dupla moral do fecho e proibição dos webs pró-anorexia e bulímia que longe de fomentar nada são o resultado e a visibilização de um problema que está proporcionando nutridos benefícios ao capitalismo.

Também é inapreciável a criação imediata de centros de Unidade de Desordens Alimentares em todos os hospitais, já que na Galiza unicamente contamos com um



centro no hospital de Conjo em Compostela a onde, segundo os recentes cálculos, se deveriam dirigir @s 135.000 galeg@s com transtornos alimentares.

Pelo tanto, contra a violência machista inerente ao capitalismo espanhol as jovens trabalhadoras galegas seguimos a berrar bem forte que:

**Nom imos permitir que as multinacionais que servem ao patriarcado e ao capital joguem com os nossos corpos!!**